

KRESS, GUNTHER (2010).

Multimodality: A social semiotic approach to contemporary communication.  
Oxon and New York: Routledge.

**TERESA MENDES FLORES**

UNIVERSIDADE LUSÓFONA DE HUMANIDADES E TECNOLOGIA (ULHT)  
CIMJ- CENTRO INVESTIGAÇÃO MEDIA E JORNALISMO

Um dos aspetos mais marcantes do autor Gunther Kress, na sua já vasta bibliografia na área da semiótica – este é o seu trigésimo título -, é a centralidade que as suas análises conferem ao sujeito enquanto agente dos processos de significação e comunicação. Não se trata apenas de conceptualizar o contributo de Roland Barthes que, no seu artigo de 1968 “A Morte do Autor”, lançava uma teoria da interpretação considerando a atividade do leitor como um processo produtivo de sentido e como o verdadeiro e múltiplo *locus* da escrita, e que veio a abalar a categoria moderna de “autor”. Encontramos nos trabalhos de Kress uma preocupação genuína em compreender a significação como um fenómeno dinâmico de produção de sentidos que parte dos *interesses* daqueles que nele participam de modos variados, sendo os lugares do leitor e do autor indissociáveis: a morte do autor acontece também devido ao seu inexorável triunfo, pelo facto de todos sermos autores. O que altera consideravelmente o fechamento, o controlo de sentidos e o poder inscritos na categoria de autor.

Existe, assim, uma espécie de “empoderamento” de todos(as) e de cada um(a): descobrimo-nos profundamente criativos(as) das múltiplas *falas* que simultaneamente falamos e nos falam, enquanto se constituem socialmente. Esta posição, profundamente associada às teorias semióticas da escola francesa, com influências de cariz marxista e da psicanálise, surge no percurso teórico de Kress mais associada à Linguística funcionalista tendo como grande referência Michael Halliday. Encontramos quase sempre, e nesta obra não é exceção, um conjunto de críticas à linguística estruturalista e à famosa divisão entre língua e fala de onde se deduzia uma separação entre dois campos da linguística, sendo a linguística da fala considerada uma sociolinguística. A variabilidade dos usos “perturbava” a uniformidade do sistema teórico-lógico da língua, o que justificou a sua separação, e até mesmo a sua menorização. E se encontramos em Halliday referências importantes à noção de “usos”, nos trabalhos de Kress a perspectiva muda para valorizar não tanto os usos dos sistemas de signos mas a produção de sentidos.

É nesta *diferença* que Kress e outros colegas propõem alicerçar a área que designaram sociossemiótica (Kress&Hodge, 1988; Kress& Van Leeuwen, 1990/1996) e que volta a estar na base da obra, agora proposta, sobre o conceito de “multimodalidade”. A necessidade de acrescentar o prefixo “socio” a semiótica justifica-se precisamente no contexto de um percurso teórico, como é o de Kress, marcado pela linguística (e pela “sociolinguística”).

A semiótica definida como ciência geral dos signos – ou “outra designação para Lógica” de acordo com Charles S. Peirce – não pareceu suficientemente elucidativa para sublinhar a prioridade dos contextos sociais nessa produção. De facto, tanto a matriz saussuriana quanto a conceção lógica de Peirce sublinham a prioridade da dimensão mental do processo de interpretação/*semiosis*, embora no caso do filósofo americano nenhuma inferência lógica se verifique fora de um (ou de vários) contextos e o seu pragmatismo parece prescindir da necessidade deste prefixo.

No entanto, a opção de Kress tem sido a de uma afirmação clara do carácter social da produção de sentido: “*O sentido surge a partir dos ambientes sociais e nas interações sociais. Isso torna o social a fonte, a origem e o gerador do sentido*” (2010: 54). Mas esta dinâmica social da produção de sentidos não surge como um determinismo social mas como uma fonte constante de negociações, o que leva o autor a sublinhar o carácter ativo e generativo dos sujeitos envolvidos na comunicação: “*O foco na atividade de fazer-signos em vez da atividade de uso-de-signos é uma das várias características distintivas da teoria sociosemiótica face a outras formas de semiótica. Na abordagem sociosemiótica do sentido, os indivíduos, recorrendo a recursos social e culturalmente produzidos, são agentes e generativos no processo de produção de signos e de comunicação*”. (idem) [a tradução é nossa].

Este ponto de vista implicou o reconhecimento de que cada um de nós recorre a uma multiplicidade de *matérias e formas da expressão* (para aludirmos a Hjelmeslev, cujos conceitos nos parecem subjacentes ao de *modo*) que conjuga e molda, de acordo com o seu interesse, os seus recursos e contextos presentes tendo em vista o que cada um de nós avalia como o que melhor se adequa ao significado desejado. A imagem, a escrita, o gesto, a fala, a música, o design, o filme, o sms, a banda sonora, os objetos – são exemplos de modos diferentes, cada um trazendo potencialidades diversificadas e recursos específicos que podem também ser associados de múltiplas formas. Estas potencialidades são designadas de “*affordances*”, capacidades e constrangimentos específicos que o produtor de sentido tem de ter em conta quando a eles recorre. Um segundo conceito importante é o de “*aptness*”, ou seja, o grau de adequação entre o que um modo pode trazer e os interesses do criador de sentidos. A criatividade é uma nova marca distintiva do “*enunciador*” multimodal e o poder da norma e do código, enquanto elementos estruturantes e *disciplinadores* da comunicação, é menos sublinhado.

Apesar da nossa verificação da importância da dimensão do plano da expressão na caracterização do que é um modo, e portanto de uma certa influência da glossemática Hjelmeslevian – Kress pretende demarcar-se da linguística como paradigma dominante das análises da comunicação e, conseqüentemente, de um certo logocentrismo. Esse é aliás, um contributo desta obra. Um certo logocentrismo era, como se sabe, a célebre posição de Barthes que o levou a defender ser a Semiologia parte da Linguística e não o contrário, dada a preponderância do verbal face a outros *modos*. Situação que Kress argumenta estar hoje longe da realidade comunicacional contemporânea e das novas subjetividades que aí têm vindo a surgir e que, do seu ponto de vista, exige novas teorizações.

Este livro de Kress pretende, assim, construir um campo teórico – o da multimodalidade – que multiplique as formas de análise e as perspectivas a partir das quais a comunicação deverá ser abordada, partindo afinal de um método mais indutivo criado a partir dos fenómenos comunicacionais contemporâneos. Afirmando o carácter ideológico, mas também ético, deste campo teórico, Kress identifica três tipos de problemáticas a abordar pela análise multimodal: a compreensão dos aspetos específicos a cada modo; a compreensão das formas de interrelação dos vários modos bem como os aspetos comuns intermodos; e uma mais global perspectiva sobre toda a representação e comunicação que é o objeto geral da sociosemiótica. Assim, defende que não se deve importar categorias próprias de um modo para estudar outro modo, como sempre aconteceu com a linguística, fornecendo ao longo do livro inúmeros exemplos interessantes que levam ao reconhecimento dos modos criativos da produção de sentido.

Com esta obra, Kress procura consolidar um percurso que foi progressivamente, também ele, passando por vários *modos*. Até 2001, quando publica com Theo Van Leeuwen uma primeira versão desta obra (*Multimodal Discourse: The modes and media of contemporary communication. London: Edward Arnold Editor*), tinha passado das questões do texto (*Language as ideology*, 1979; *Language and control*, 1979; *Literature, Language and Society in England*, 1982; *Learning to Write*, 1982, entre outras) para as questões da imagem (*Reading Images*, 1990; *Reading Images: a grammar of visual design*, 1996), onde aliás obteve grande recetividade também entre nós (Pinto Coelho, Z.; Mota Ribeiro, S., 2005.).

A imagem dada a sua profusão na comunicação contemporânea, presente em múltiplas plataformas – ecrãs, na sua maioria – continua presente como um dos modos mais desafiantes do poder dos textos e da sua reconfiguração. Os capítulos finais desta edição apresentam dois estudos que interpelam as condições contemporâneas tanto da imagem, que já não é também a imagem tradicional, como do texto: os novos contextos de aprendizagem na escola, com abordagens *descentradas* da escrita e integrando outros modos como as imagens e os sons; e um estudo sobre os telemóveis de última geração (“*smartphones*”) que constituem um excelente exemplo dos novos contextos comunicacionais, com os seus constrangimentos e potencialidades e um novo tipo de produção de sentidos e de subjetividades.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PINTO Coelho, Z. e Mota Ribeiro, S., (2005). “Imagem de Mulheres na Imprensa Portuguesa”. Livro de Actas do 4º Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação. 4º SOPCOM. Aveiro: Comissão Editorial da Universidade de Aveiro, 977-989.